

Notícias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)

ARMANDO ROCHA CRUZ

Delegado em Lisboa; EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9

TELEFONE 59 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A CRÓNICA DA SEMANA

MUSEUS DA PROVÍNCIA

A RECENTE inauguração do Museu do Caramulo, onde figuram peças raras e de inestimável valor, deu ensejo a uma ligeira, quase imperceptível controvérsia. Com a habitual

POR **ANTÓNIO MARIA ZORRO**

tendência para pôr senões nas iniciativas mais dignas de apreço, houve quem se insurgisse com a ausência nos museus de Lisboa ou do Porto de algumas das obras de arte reunidas agora no Caramulo; no entender destes centralizadores de cultura o que interessa é valorizar o património artístico das duas principais cidades da Metrópole, ou, quan-

TEMAS SOCIAIS

QUEM É BOM É SEMPRE BOM...

Por D. ANA ROLÃO PRETO

É FREQUENTE ouvirmos dizer que a luta pela vida, as desilusões, os incúcessos, tornam as pessoas más. Não creio, porém que assim seja. Creio antes que há quem seja naturalmente mau, isto é, que nasça com boas ou más inclinações.

Se não faltam exemplos de pessoas que fugidas pela adversidade, ao mesmo tempo que redobram de energia, os grandes desgostos como que lhes sublimam a bondade tornando-as

(Conclui na 3.ª página)

do muito, das capitais de distrito.

Em oposição a esta tese, os defensores da criação do Museu do Caramulo e de mais e semelhantes museus por esse país fora lembram o que tais iniciativas representam do ponto de vista turístico, forçando naturalmente

(Conclui na 3.ª página)



José R. Belchior

OLHÃO PRESTOU HOMENAGEM AOS DOIS ALGARVIOS QUE CHEGARAM AO BRASIL NO "NATÁLIA ROSA"

Uma mensagem ao povo de Olhão foi enviada pela embaixada do Brasil em Lisboa, a propósito da manifestação realizada na Casa dos Pescadores em homenagem aos dois algarvios que, a bordo do pequeno barco «Natalia Rosa», chegaram ao Rio, depois de 107 dias de aventura e de temeridade.

«Foi um grandioso feito o dos dois jovens algarvios — diz a mensagem. São ambos eles continuadores da tradição heróica dos seus maiores. O povo brasileiro viveu em uníssono com os seus irmãos portugueses, ao receber em Porto Seguro e no Rio de Janeiro aquela frágil embarcação, consciente da audácia e bravura demonstrada pelos marinheiros olhanenses. A recepção que



Felismina Inês Rosa

lhes foi dispensada no Brasil bem atesta a emoção e o entusiasmo com que ali se conheceu mais este ilustre feito português».

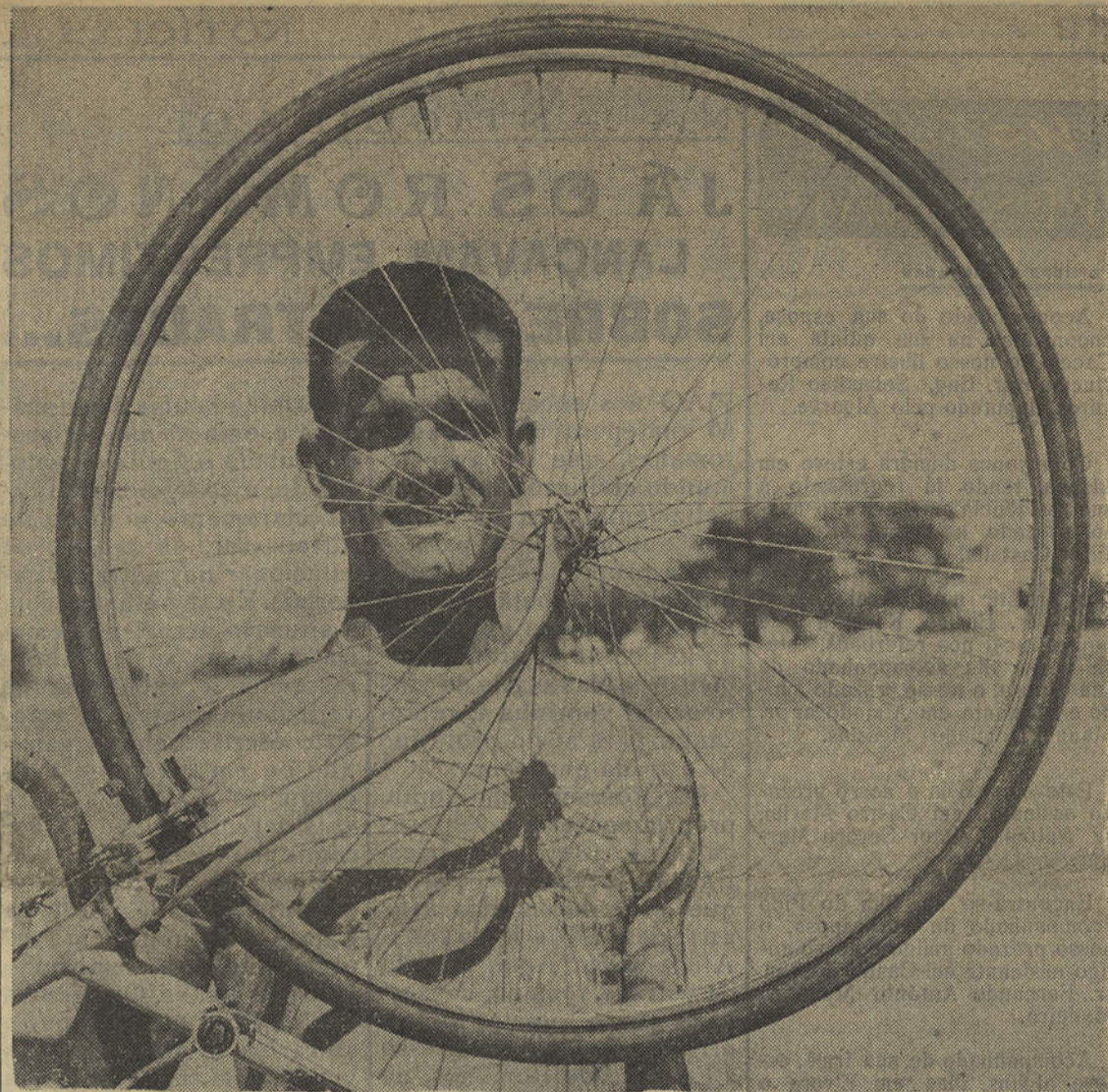
Uma artística caravela foi oferecida ao pai do aventureiro Rodrigo Belchior, tendo a sessão de homenagem

(Conclui na 3.ª página)

O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS VISITA ARMAÇÃO DE PERA

É digna dos maiores êximos a acção levada a efeito pela Comissão de Turismo da risonha praia algarvia que é Armação de Pera, e que hoje em dia conta no Algarve com o mais moderno Casino, aberto todo o ano e que terá dentro em breve um magnífico Hotel, acolhedor e de moldes modernos, iguais aos das grandes urbes europeias.

O esforço que a citada Comissão de Turismo tem evidenciado no sentido de aformosear uma das mais lindas praias da nossa província é dignamente compensado com a visita, a convite do sr. Governador Civil do distrito, do sr. Ministro das Obras Públicas, Eng. Arantes e Oliveira que aos problemas de Armação de



A VISITA DO IMPERADOR HAILÉ SALASSIÉ

RECORDA-SE O FEITO DE D. CRISTÓVÃO DA GAMA

● O HERÓI PORTUGUÊS QUE DEFENDEU A INDEPENDÊNCIA DA ETIÓPIA EM 1542

A DUAS semanas da chegada do Imperador Hailé Selassie, da Etiópia, a Lisboa, para a sua visita oficial a Portugal, recorda o «Diário de Notícias», sob o título «Um ramo de flores no túmulo de Vasco da Gama», a presença, há 10 anos, na capital portuguesa, da princesa Tenague Worq, filha do Imperador, e da homenagem que prestou a Vasco da Gama, em sua memória e em lembrança de D. Cristóvão da Gama, filho do navegador.

Depois, na verdade, a princesa Tenague Worq

no túmulo do descobridor do caminho marítimo para a Índia «algumas flores de reconhecimento ao navegador, pai do sobre humano herói da independência da Abissínia, D. Cristóvão da Gama», sendo precisamente da acção de D. Cristóvão da Gama, na Etiópia, que o «Diário de Notícias» se ocupa, no artigo, contando, nomeadamente:

«Nos limites do reino de Tigré, em Sahart, D. Cristóvão da Gama enfrenta com a sua reduzida expedição as tropas do mouro

(Conclui na 4.ª página)

Vem aí a «Volta» e com ela Portugal vibrará de lés a lés, com os azes do pedal!

O «homem do dia» — Alves Barbosa que continua a ser também o homem da «Volta», estará presente uma vez mais para demonstrar a sua excepcional categoria de grande corredor, no entanto este ano terá de enfrentar a valorosa equipa do Ginásio Clube de Tavira, que após um ano de treinos intensos apresenta corredores de grande valor.

TRIPLICOU O MOVIMENTO TURÍSTICO EM PORTUGAL

Mais de nove mil contos foram despendidos pelo Fundo do Turismo durante o primeiro semestre de 1959.

Comparticipações e subsídios permitiram a colaboração com o Fundo do Fomento de Exportação, nas exposições

(Conclui na 3.ª página)

MONTE GORDO E AS INICIATIVAS DE CARÁCTER TURÍSTICO

DIA a dia, semana a semana, a magnífica estância balnear de Monte Gordo vai regorgitando de forasteiros que procuram nas suas águas cálidas e no seu

clima temperado, o retémpero dos nervos e o esquecimento do barulho infernal das grandes cidades.

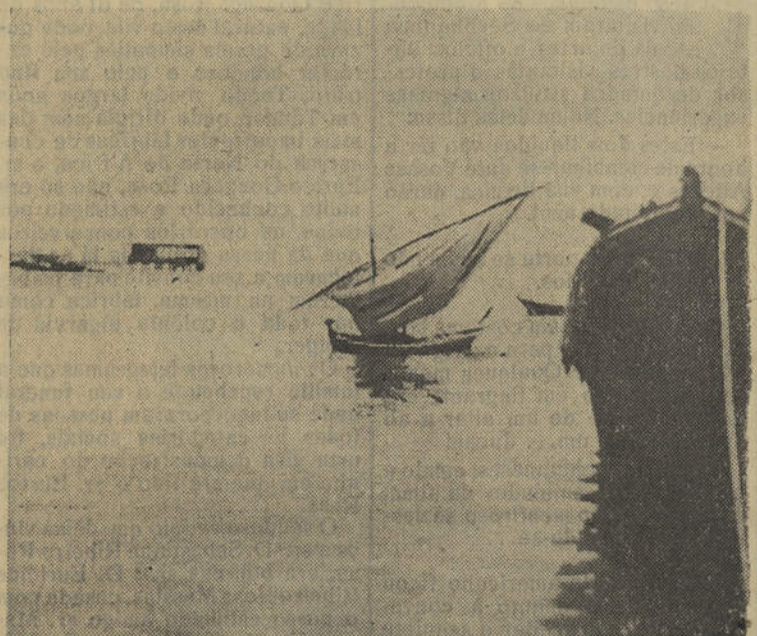
Numa atitude digna de louvores a Comissão de Turismo, aliás muito vaga e alheia aos mais importantes problemas da praia de Monte Gordo, decidiu terminar com o inestético estacionamento de automóveis junto do Casino Oceano, que só perturbava o trânsito e demonstrava um contra-senso perante os terrenos livres que alguns metros adiante circundam a frente do Casino.

A proibição do estacionamento junto do Casino está dentro das nossas ordens de ideias e a criação do parque de estacionamento veio preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir.

Apenas o que está errado em tudo isto e que fez com que inúmeros assinantes deste jornal, se nos dirigissem ou por carta ou verbalmente foi a taxa alta e demasiada que é cobrada por cada viatura que estaciona dentro do referido parque.

A quantia de 2\$50 por

(Conclui na 4.ª página)



Uma fotografia única — o «NATALIA ROSA» no porto de Olhão

TEVE O CARINHO DO PÚBLICO O FESTIVAL DE GINÁSTICA DO CLUBE NÁUTICO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AO terminar as actividades de educação física no ano de 1959, quiz o Clube Náutico brindar ao grande público da nossa vila, um espectáculo ao ar livre que tinha como cenário a sempre bela Praça Marquês de Pombal.

Dado o êxito que anteriormente tinha revestido

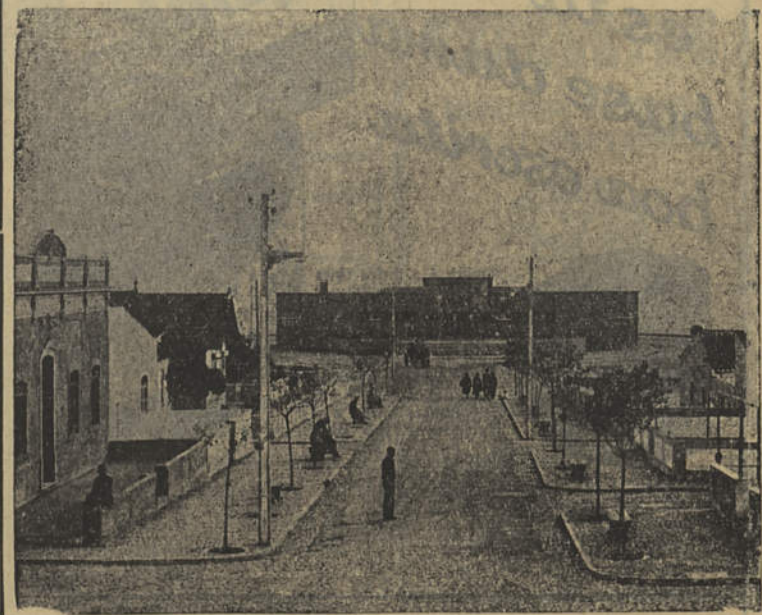
os Festivais de Ginástica levados a efeito no salão da Capitania do Porto, este Festival que aliava à magnífica exibição dos jovens atletas do Clube Náutico, um vasto programa de variedades e baile, resultou numa agradável noite de espectáculo que correspon-

(Conclui na 4.ª página)

DEVE COMEÇAR EM BREVE A EDIFICAÇÃO DA SEDE DA CASA DO POVO DE ALGÔS

Deslocou-se na passada semana à pitoresca e laboriosa vila de Algôs o Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, de Faro, que acompanhado pelo Presidente da Direcção da Casa do Povo desta localidade, se avistou com a Junta de Freguesia lo-

(Conclui na 4.ª página)



Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, encontra-se na sua quinta em Cacela, o nosso ilustre comprounciano sr. Eng.º Sebastião Ramirez, deputado pelo Algarve.

Com pouca demora esteve em Lisboa, tendo já regressado à sua residência em Tavira, o nosso prezado assinante sr. Ten. Vitor Castella.

A assistir ao funeral de seu sogro sr. Eurico Rosa, a que noutra local nos referimos, esteve nesta vila acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante em Almodovar sr. Manuel Domingos Messias.

Esteve em Beja o nosso prezado assinante em Castro Marim, sr. António Victor Severo Martins.

Encontra-se na Ilha do Pico acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e nosso antigo assinante em Castro Marim, sr. Fernando António Monteiro Madeira.

Acompanhado de sua irmã, esteve alguns dias em Évora o nosso estimado amigo sr. Artur Serrão e Silva, ilustre Director do nosso prezado colega «O Algarve», que se publica em Faro.

Com pouca demora esteve nesta vila, tendo já regressado à Base Aérea de Sintra, onde presta serviço, o nosso estimado amigo sr. José Manuel Machado Faisca.

Vindo do Porto, encontra-se nesta vila acompanhado de sua esposa, o nosso estimado amigo sr. Damião Carrilho Medeiros.

Acompanhado de sua esposa e filho, regressou de Fátima o nosso prezado assinante sr. Artur Padesca Carlos.

MADRINHAS DE GUERRA

Longe das famílias e dos amigos, que tanto são de amparo espiritual para os dias tristes e para os dias de melhor optimismo, escrevem-nos dois militares em serviço na nossa provincia ultramarina de Moçambique, pedindo-nos Madrinhas de Guerra com quem se escrevam.

Estamos certos, dada a gentileza de todas as raparigas algarvias e o seu carinho pelos nossos militares que lá longe defendem o bom nome de Portugal, não deixem de responder a estes nossos amigos que tanto necessitam do vosso amparo espiritual.

Damos a seguir as direcções dos nossos amigos:

Domingos C. Pontes, 2.º Sargento de Engenharia, Caixa Postal n.º 802, Lourenço Marques e **Manuel M. Sardo**, 2.º Sargento de Engenharia, Caixa Postal n.º 802, Lourenço Marques.

EM PORTIMÃO
Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE»
no **CAFÉ NACIONAL**
e na
BARBEARIA DESPORTIVA
(de João Bonito)

NA ANTIGUIDADE

JÁ OS ROMANOS LANÇAVAM EMPRÉSTIMOS SOBRE AS ESTRADAS...

NÃO nos encontramos já na época das estradas romanas, que sulcavam o mundo civilizado de então. Felizmente para os pneus dos automóveis e para a nossa própria estabilidade, o asfalto e o betão substituíram as lajes grosseiras ou as pedras de grandes dimensões. Mas a rede de vias romanas continua a representar para nós o protótipo da estrada europeia.

Os Romanos não foram propriamente os inventores da técnica de construir estradas. Na verdade, parece que a herdaram dos seus antepassados Etruscos. Aliás, a Via Apia, modelo de estrada romana, conservada quase intacta, foi, na origem, uma via de acesso à Etrúria. Os Romanos, no entanto, melhoraram o revestimento e a largura — o revestimento podia ter a profundidade de mais de um metro. Sobre um leito de seixos deitava-se uma mistura de areia e de cal, que se acamava, antes de se alinharem sobre ela grossas lajes, por vezes reunidas.

No princípio, as estradas eram construídas pelo Exército, que delas tinha necessidade para assegurar o abastecimento das suas cortes na África e na Europa. Depois, a administração imperial encarregou-se disso. Também ela tinha necessidade de vias de comunicação, a fim de estimular o comércio e manter as ligações com o imenso império. Noite e dia, os mensageiros cruzavam as estradas, levando mensagens governamentais destinadas às administrações regionais.

Já nessa época a construção de uma estrada saía bem dispendiosa. Por isso, recorreu-se aos empreiteiros locais, que apresentavam orçamentos e projectos. As grandes vias eram pagas por Roma; as ramificações regionais, pelas autoridades locais. Em breve o Governo imperial impôs sobre todos os cavalos e carros um dízimo destinado a cobrir as despesas das obras e de manutenção — uma taxa de rodagem, por consequência. Além disso, a construção de estradas requeria, evidentemente, expropriações de terrenos. Tranquilizemo-nos, porém. O Império Romano respeitava os direitos de propriedade e indemnizava convenientemente os expropriados.

O tráfego era severamente regulamentado. Havia-se

determinado uma carga máxima e, embora não estivesse estipulado o limite de velocidade, o código especificava claramente o modo de ultrapassar, de cruzar, de estacionar nas estradas imperiais. E a semelhança com a situação actual não estaria completa, se não salientássemos a existência de verdadeiras guias de trânsito, escritas em pergaminho ou em cera, que indicavam as distâncias entre as diferentes cidades, por caminhos diversos.

Uma última palavra: a administração das Pontes e Calçadas constituíam um organismo muito conhecido pelos Romanos. Os agentes de serviço intitulavam-se silicários e percorriam as vias, a fim de verificarem com frequência o estado dos caminhos e ordenar as reparações necessárias.

E porque não dizê-lo? Nero, ao pensar em mandar renovar o revestimento da Via Apia, hesitou perante a soma enorme que lhe iria custar: 50 milhões, aproximadamente. Ele, ou um dos seus conselheiros, teve então a ideia de lançar um empréstimo. Assim, a Via Apia recebeu passeios, novos empedrados, um sistema de esgotos — e tornou-se, nos arredores de Roma, os Campos Eliseos da capital imperial.

Último pormenor; as estradas romanas eram tão boas que facilitaram largamente as invasões bárbaras, ocasionando a perda de Roma e a sua própria ruína.

Isy Landres

JARDIM ZOOLOGICO DE LISBOA

Com as férias grandes vai nestes três meses próximos multiplicar-se o afluxo de forasteiros a Lisboa. E verdade... verdade... quem for a Lisboa e não visitar o seu Jardim Zoológico, justamente considerado o mais belo da Europa, deixou de ver um dos seus melhores encantos.

Parque das Laranjeiras, com os seus 26 hectares, obedecendo aliás às velhas tradições do Conde de

CINE-FOZ

Hoje, o sensacional filme *D. Quixote*, com N. Tchekassov, S. Gregorieva e Youri Tolouviev.

O filme mais aplaudido do Festival de Cannes.

(Para 12 anos)

Quinta-Feira, *Rasputine*, com Pierre Brasseur e Isa Miranda.

(Para 17 anos)

LUSITANO FUTEBOL CLUBE

Fundado em 15 de Abril de 1916

Ex.º Sr. Senhor Gerente da Pensão Mateus Vila Real de Santo António

Ex.º Sr. Senhor É com a maior satisfação e grande prazer que vimos manifestar a V. Ex.ª o grande agrado que causou a este Clube e seus atletas, o serviço fronecido por V. Ex.ª quando do jantar comemorativo do 31.º aniversário do nosso Clube, realizado nesta Pensão.

Prestamos, pois, inteira justiça e gratidão a V. Ex.ª pela excelência do serviço prestado, motivo, porque, publicamente lhe vimos testemunhar o nosso agradecimento, autorizando que V. Ex.ª faça deste officio o uso que melhor entenda.

Com os protestos da nossa maior consideração, nos subscrevemos
De V. Ex.ª
Att.ºs Vnrs. e Obgd.ºs
Lusitano Futebol Clube
Pela Comissão Administrativa
Manuel Clemente

PROVINCIA

TAVIRA

O Pão que comemos

Ultimamente tem aparecido à venda nos lugares do costume, pão que é vendido ao público mas que não o recomenda. Muito negro porém formato. Dizem ser das farrinhas que não dão mais e daí a sua má apresentação. Como iniciou há dias a sua actividade uma sociedade de padeiros, que cremos ser paçomum esperamos que esta nova entidade tome a peito o melhoramento do fabrico do pão lá que quem de direito até hoje não tem podido conseguir melhoria neste artigo de primeira necessidade.

Nova Escola Técnica

Causou o maior entusiasmo na vila de Olhão a notícia da criação de uma Escola Técnica. Tavira tem pugnado muito pela sua Escola Técnica e não foi ainda desta vez que viu o seu desejo realizado. Quando será que as forças vivas da cidade tomam a peito junto das entidades oficiais de Capital a satisfação dos desejos que Tavira aspira e que mercê inexplicável nunca consegue.

Calor Inoportuno

Os tavienses não foram poupados à vaga do calor que tem assolado o País e na semana passada viram-se submetidos a uma temperatura de verdadeira fornalha. Felizmente esta semana estamos a suportar os 30 graus amantados e daí o já haver esquecido os «assados» por que passou.

Sopa dos Pobres

Estão a ser ultimadas as obras necessárias a fim de começar a distribuição diária da Sopa aos pobres e indigentes da cidade, a fim de igualmente se acabar com a pedincha pelas ruas. Medida acertada e bem recebida pelos munícipes, e bom seria que também se acabasse de vez com os pedintes de outros concelhos que utilizando vários meios de transporte vêm a esta cidade «fazer» o dia pedindo a torto e direito. Igualmente também se deveria acabar com certos figurões que não se encontrando necessitados passam a pedir geralmente aos de fora que aqui passam alguns escudos para a satisfação do seu vício predilecto — a bebida.

Já sabia que:

... que na Suécia, os médicos são agora obrigados a escrever as recei-

tas à máquina ou em letras maiúsculas? Evitamos assim muitos enganar perigosos.

... que os padeiros franceses tiram mais proveito da fariinha que os outros países?

... que no ano 2.000 a população da Terra será de 6 biliões de seres humanos?

... que nos hospitais americanos o número dos empregados é do dobro do número dos doentes? — e.

MISCELANEA

UMA enorme multidão acompanha o enterro de um grande comediante. Eis o comentário dum crítico que detestava o falecido:
— Da maneira que ele era vaidoso, já teria morrido há mais tempo, se soubesse a quantidade de gente que iria ao seu enterro...

NO casamento, quando o amor se transforma em costume, é quando começa a felicidade.

OSTROIANOS enviaram uma embaixada a Tibério, para dar a este condolências pela morte de Germânico. A embaixada caminhou tão devagar que só chegou a Roma dois anos depois da morte do herói. Tibério confiou-se muito agradecido aos embaixadores e manifestou-lhes que os acompanhava também de todo o coração pela grande perda que tinham também sofrido com a morte de Heitor, morto por Aquiles na guerra de Tróia (mil e trezentos anos antes).

MUITOS casam com as criadas para terem quem os sirva; no fim acabam lavando os pratos.

WASHINGTON conquistou o título de cidade mais «úmida» dos Estados Unidos, pois o seu consumo de álcool em 1957 foi de vinte e nove litros por habitante — compreendendo as criaçães!

DIZ um estatístico, desses que tudo apuram, haver em Londres nada menos de 8.000.000 de gatos, que custam em alimentos, o valor de 10 milhões de libras por ano ou sejam 1.600.000 contos.

Certa rapariga pergunta a um jovem médico:

— É verdade, doutor, que os beijos são perigosos?
— É verdade; podem transmitir doenças contagiosas...
— Quais, por exemplo?
— O casamento...

HÁ muitas maneiras de rir e uma só maneira de chorar.

EM 1850 os duques de Montpensier visitaram em Sevilha uma escola de artes e officios; ante os ilustres visitantes o professor de química realizou algumas experiências. Numa delas disse:

— Estes dois líquidos vão ter a honra de combinar-se ante Vossas Altezas e, com sua licença, darão um precipitado azul.

QUANDO uma porta se fecha não metas os dedos.

NO Japão existe um costume bastante curioso para corrigir os mentirosos. Qualquer mentiroso apanhado em flagrante era posto de frente de um altar a ali aplicavam-lhe um... ducho!

Explicam os japoneses: sendo a mentira uma «sujidade» da alma, é preciso que o mentiroso se desfaça dela, lavando-se...

UM missionário americano ficou em dívida quanto à conveniência em aceitar o seguinte convite dum chefe canibal: «Nós teremos muito prazer em tê-lo para o jantar no próximo domingo».

Todo o homem que é casado Deve ter um pau ao canto Para benzer a mulher Quando estiver de quebranto

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM LISBOA
na Tabacaria Antunes & C.ª
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

obra de grande classe e ter grande nome.
Ninguém deixe, pois, de ir ao Jardim Zoológico de Lisboa. Visita o que há de melhor em qualquer parte e um verdadeiro paraíso da capital.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 9 a 15 de julho

TRAINEIRAS	
Audaz	121.020\$00
Refrega	111.245\$00
Triunfante	89.230\$00
Agadão	85.238\$00
Norte	82.960\$00
Pérola do Guadiana	73.535\$00
Maria Rosa	67.500\$00
Conceicanita	42.970\$00
Flor do Sul	41.870\$00
Vulcão	36.940\$00
Raulito	39.350\$00
Flor do Guadiana	34.400\$00
Tufão	32.400\$00
Infante	28.750\$00
Leste	27.200\$00
Liberta	22.500\$00
Janita	22.410\$00
Tozé	21.670\$00
Total	978.885\$00

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 10 a 16 de julho

Entrados:
MIRA TERRA, de 562 ton., e MARIA CHRISTINA, de 549 ton., ambos portugueses, de Lisboa, vazios.
FRAMAR, Italiano, de 500 ton., de Casablanca, com carga em trânsito.
ROLANDSECK, Alemão, de 1.299 ton., com folha de flandres, de Antuérpia.
MIRA TERRA, de 562 ton., e MARIA CHRISTINA, de 549 ton., ambos portugueses, de Lisboa, vazios.
Saídos:
MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.
MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa.
FRAMAR, com conservas, para Génova.
ROLANDSECK, com conservas, para Hamburgo.
MIRA TERRA e MARIA CHRISTINA, ambos com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 18 a 24 de Julho a Farmácia CARMO Rua S. João do Brito — Telefone 31.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM COIMBRA
na Tabacaria Ilda & C.ª Ed.
L. da Portagem, 55

LUTUOSA

Eurico Gonzaga Rosa

Na sua residência nesta vila, faleceu no passado dia 15 o sr. Eurico Gonzaga Rosa, de 61 anos de idade, natural desta vila, onde gozava de gerais simpatias pelo carácter bondoso e pelo seu fino trato. Tendo vivido largos anos em Tânger, onde dirigia uma das mais importantes fábricas de conservas do Norte de África, o sr. Eurico Gonzaga Rosa, não só era muito conhecido e estimado por todos os operários conserveiros que da nossa provincia lá se deslocavam a seu convite para trabalharem na mesma fábrica como por toda a colónia algarvia de Tânger.

Os numerosos telegramas que a família recebeu e o seu funeral onde se incorporaram pessoas de todas as categorias sociais, foi uma viva demonstração do carinho em que era tido o sr. Eurico Rosa.

O saudoso extinto que deixa viúva a sr.ª D. Sebastiana Ribeiro Rosa, era pai das sr.ªs D. Eurdice Ribeiro Rosa Messias, casada com o nosso estimado amigo sr. Manuel Domingos Messias; D. Maria Luiza Rosa Roberts, casada com o sr. José Roberts do Rio; D. Maria Antonieta Ribeiro Rosa Camarada, casada com o nosso estimado amigo sr. Luís Gonçalves Camarada, Gerente da filial do Banco Português do Atlântico nesta vila; e dos srs. Eurico Ribeiro Rosa, casado com a sr.ª D. Jacqueline Martinez Rosa e José Armando Ribeiro Rosa; irmão da sr.ª D. Maria Luiza Rosa Pinto, casada com o nosso estimado amigo sr. Jacinto de Assunção Pinto; Hostílio Bandeira Rosa, casado com a sr.ª D. Júlia Caisote Rosa e António Rodrigues Rosa, casado com a sr.ª D. Matilde Rosa; cunhado da sr.ª D. Maria Ribeiro Socorro, casada com o sr. Francisco Gomes Socorro e avô de Ana Maria Rosa Camarada, António Rosa Messias, Luiza e Maria Margarida Rosa Roberts, André, José e Ana Margarida Martinez Rosa.

A família enlutada o «Notícias do Algarve» apresenta a expressão sincera do seu pesar.

Quink está na base duma boa escrita



Quink é a única tinta que contém Solv-X — não seca nem corrói e vai limpando a caneta à medida que escreve.

A venda: Quink Permanente em muitas cores e a famosa Royal Blue Lavável.

CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

compreendendo como raros os queixumes, as confidências, as humildes e calmas alegrias que a terra numa linguagem de séculos comunica aos homens da sua condição. Era rendeiro esse Elias e, embora trabalhasse em courelas que lhe não pertenciam, não vi na minha vida maior desvelo, maior amor pela terra do que o desse pobre Elias. As suas mãos feias e ossudas semelhando-se a raízes negras afagavam das folhas das batateiras como se acariciassem os cabelos da mulher amada e das crianças. Um dia — soube — o Elias endoideceu e durante dias e dias, fugindo dos companheiros, dos familiares, encheu as quebradas da serra com os seus gritos de louco e ninguém compreendia a sua linguagem. Estou convencido que só a terra compreendia as palavras violentas dum homem que estava habituado a falar-lhe numa linguagem diferente, numa conversa serena e humilde, tecida de delicadezas e amizade.

Cogitava eu assim, quando me apercebi que alguém estava a meu lado, os olhos mergulhados no mesmo culto, admirando a imagem da terra e que a cidade nos dava, numa insignificante miniatura, nessa rua envergonhada e triste. E como prestávamos o mesmo culto não nos foi difícil o entendimento. E ali fiquei alguns momentos a ouvi-lo, a escutar-lhe a crônica um pouco igual à minha, idêntica à de tantos outros que a cidade absorve no anonimato. Mas ele tinha uns braços fortes e, certamente, a enxada não lhe inculca medo. Viera, ou porque a vida na aldeia lhe fora impossível, ou porque a cidade o atraía com as suas equívocas miragens. Era um desenraizado, um camponês transplantado para a cidade, com o seu sotaque de transmontano, o rosto ainda queimado pelo sol das serras, esforçando-se por manter uma dignidade de homem livre, apesar dos evidentes transformações que a cidade imprimira à sua maneira de ser, à sua qualidade inicial de camponês. E sem se lamentar, em gestos um tanto nervosos as palavras calmas, meditadas, olhando a cidade que se erguia na nossa frente, ele falou-me da sua vida. Os braços longos e vigorosos caíam-lhe ao longo do corpo um pouco curvado, o rosto moreno, por momentos resplandecente de alegria, quando evocou as terras ásperas da sua aldeia que, eu, um dia, por acaso, conheci. E como dois poetas sem editores e sem livros falamos da alegria dos pássaros livres e das árvores que criam raízes na dureza da terra. E não se contendo, ele que, certamente, era mais susce-

ptível ao apelo da terra, narrou toda a sua nova experiência na cidade, a sua vida na fábrica, o seu dia a dia a criar com as suas mãos pesadas não sei que delicadezas para a voracidade do mercado. Lá tinha a minha belga — suspirava — era uma nesga de terra, mas ali ouvia estoirar asementes no chão ao germinarem, sentia a alegria de ver momento a momento crescer as plantas, e ao vê-las crescer sabia que, em parte, era devido aos meus cuidados, aos meus esforços. O senhor, talvez não compreenda, mas lá nunca me senti enganado. Um grão que lançasse à terra podia dar um pé enfezadito, mas desde que rompesse a crosta podia vê-lo crescer, ampará-lo até ao fim da sua vida, mirar-me nele. Uma coisa igual à alegria dum pai ao ver crescer o seu filho. Na cidade, sinto-me um homem de mãos vazias; depois que largo do trabalho, acredite, não sei o que hei-de fazer ao dia de destas mãos, sinto-as vazias, palavra, é uma estupidez minha, mas realmente, o que me incomoda são as mãos vazias, a necessidade de executar alguma coisa, de sentir nos dedos o corpo, a forma de qualquer objecto em que eu pudesse ver o meu trabalho. O sr. desculpe estas maluquices, mas se penso na terra é mais por esta necessidade de abraçar as árvores, de tocar em qualquer coisa, de me sentir ligado às coisas que as minhas mãos possam realizar.

Despedimo-nos cordialmente. E de longe, o homem virou-se e discretamente fez um pequeno aceno, cumprimentando-me mais uma vez. Fiquei por momentos a observar o seu andar desajeitado, os braços muitos cumpridos ao longo do corpo, e as mãos afiuravam-se-me enormes, umas mãos desproporcionadas em relação aos braços, ao corpo, uma mãos vazias, terrivelmente vazias, sem, no entanto, me aperceber do drama dessas mãos vazias e sem achar a devida compreensão e significação de tão estranha observação.

N. Rodrigues Pena

Seja económico
Poupe muito dinheiro
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

Quem é bom é sempre bom...

(Conclusão da 1.ª página)

mais compreensíveis, caridosas e indulgentes, outros há em que alguém, que conseguiu iludir durante algum tempo, veio por fim, pelos mesmos motivos, a mostrar os seus maus instintos.

As contrariedades da vida podem tornar-nos prudentes, mas não fazem ninguém mau. Quem é bom, é sempre bom. Só quem é mau fica pior.

Claro que a educação tem grande influência, estimulando ou corrigindo inclinações, no comportamento de cada qual perante as contrariedades. Se a educação for tendente a infundir coragem, a desenvolver sentimentos de justiça, caridade, humildade e delicadeza, até os que tiverem más inclinações hão-de acabar por compreender que devem refrear os seus instintos em obediência à lei de Deus e à moral. Se houver desleixos, se, em vez de boa orientação, se deixam as inclinações à solta e à mercê de maus exemplos, até os bem dotados se extraviam.

Temos de reconhecer que, por comodismo, certas doutrinas, aliás óptimas, foram mal interpretadas e levemente postas em prática, sem se quer dar a devida atenção aos maus resultados obtidos. Confundiram-se os cuidados, a compreensão com que devem ser tratadas as crianças, com a liberdade de as deixar fazer tudo que querem e satisfazer todos os seus caprichos.

Uma criança com boa índole que se deixa entregar a si própria e que é excessivamente amada torna-se exigente e um tanto egoísta. Se tiver má índole será um flagelo para quem tiver de a aturar e virá a ser um mau elemento na sociedade.

Infelizmente, hoje em dia a sociedade está cheia destes maus elementos sem que, em boa verdade, sejam eles os responsáveis...

Em geral estas pessoas reconhecem que trilham um caminho errado, tarde demais, porém, para enveredarem por outro. Difícilmente, porque o hábito é uma segunda natureza, se corrigirão.

Por inércia, por comodismo, ficam surdas à voz da consciência, sofrem e fazem sofrer. Falta-lhes a coragem, a energia, qualidades que, para fazerem parte do carácter, têm de ser adquiridas na infância, não só pelo exemplo como pelo hábito de autodomínio, não satisfazendo todos os desejos e muito menos os que incomodam ou prejudicam os outros.

Há tempo, conversando com um rapaz de 18 anos, de boa fa-

mília, mas criado *à vontade*, ele me confessou concordar comigo, com a minha maneira de ver sobre educação. Como é inteligente, espraiou-se em considerações sobre o dever que os pais têm de contribuir para a felicidade dos filhos ministrando-lhes uma sólida formação moral...

Embora nos desagrade ouvir a mocidade dizer palavras que envolvem censuras aos pais, aqueles que sempre lhe deviam merecer gratidão e respeito, não podemos, nestes casos, deixar de dar-lhe razão e desejar de todo o coração que ela, com a mente esclarecida, estude o problema e encontre em si forças para reagir e preparar para as gerações futuras uma sociedade mais equilibrada e sã e, conseqüentemente, mais feliz.

Nem todos poderemos ser bons, mas todos podem ser educados de modo a respeitarem-se, a não se prejudicarem nem ofenderem, o que será meio caminho andado para se compreenderem e estimarem.

E, acima de tudo, é de amor e compreensão que a humanidade está mais necessitada.

Aquele que sendo enganado, engana; sendo escarnecido, escarnece; sendo roubado, rouba e tudo atropela em proveito próprio, cede a uma natural tendência que apenas esperava um pretexto para se manifestar porque, na maioria dos casos, o não ensinaram a dominar-se, a ter respeito por si próprio não cometendo acções que nos outros reprovam.

Até os maus podem fazer mal se desde berço forem corrigidos e bem orientados.

E porque os desorientados são infelizes e fazem a infelicidade de quem com eles convive, grandes responsabilidades cabem aos pais, sobretudo às mães, que não tomam a sério, como devem, o seu papel de educadores.

Ana Rolão Preto M. Abano

Museus na Província

(Conclusão da 1.ª página)

o estudioso ou o interessado em problemas de estética a deslocar-se, para satisfação das suas curiosidades ou dos seus gostos, a regiões que de outro modo não visitaria.

A tese destes últimos tem a seu favor um argumento que não foi invocado e que parece irrefutável; consiste no facto, evidente para quem tenha a noção das realidades nacionais, de se valorizar culturalmente a Província e de dar forma prática, no campo do espírito, ao chamado regionalismo. Há em cada cidade da Província um ou mais grupos de pessoas geralmente situadas na geração mais nova, desejosas, sinceramente desejosas de contactar com a Arte, em qualquer dos seus vários aspectos. São, por via de regra, moços que concluem o seu curso secundário ou que o concluíram recentemente, não tendo podido ingressar na Universidade; são mesmo universitários em férias ou recém-licenciados que voltam para a sua terra natal e querem fazer qualquer coisa para elevar o nível cultural do acanhado meio em que nasceram — qualquer capaz de quebrar a rotina e de ir além dos folhetins melodramáticos que a publicidade radiofónica atira para dentro da casa de cada um. Carecem de todo o apoio, de todo o estímulo, esses núcleos de jovens entusiastas que se propõem criar na sua cidade-

TRIPlicou O MOVIMENTO TURÍSTICO EM PORTUGAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

e festivais internacionais de Munique e de Milão; a construção, a renovação, o apetrechamento e o melhoramento de hotéis, de pensões e restaurantes típicos por todo o País; a publicação de propaganda turística; a deslocação de grupos folclóricos ao estrangeiro; e a realização de festivais folclóricos, de festas regionais e de competições desportivas com interesse turístico.

O Fundo prestou também a entidades particulares garantias de empréstimos, pela Caixa Nacional de Crédito, no montante de 2.400 contos.

Sabe-se, entretanto, que a afluência turística estrangeira nos primeiros 4 meses foi três vezes superior ao movimento em igual período do ano anterior.

Em 1958, o turismo rendeu aos pais mais de 75.000 contos em divisas estrangeiras.

OLHÃO PRESTOU HOMENAGEM AOS DOIS ALBERVIVOS QUE CHEGARAM AO BRASIL NO "NATÁLIA ROSA"

(Conclusão da 1.ª página)

gem aberto com o desceramento de uma lápida. Tem a lápida a seguinte inscrição:

«Homenagem olhanense aos valorosos tripulantes da pequena embarcação Natália Rosa. Gloriosa travessia Olhão-Agadir-Dacar-Porto Seguro-Rio, 1-10-1958 a 29-6-59».

Foi lembrado, durante a homenagem, outro feito — semelhante como aventura ao do Belchior e da Felismina Rosa — ao ser recordado que, em 1809, um grupo de olhanenses fora, a bordo do caíque «Bom Sucesso», levar ao Brasil a notícia da vitória portuguesa sobre as forças napoleónicas.

O CONGRESSO DA HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS

Para Setembro de 1960 foi agora fixada a realização — dentro das comemorações do quinto centenário do Infante D. Henrique — do Congresso Internacional da História dos Descobrimientos.

Professores, historiadores e cartógrafos de todo o mundo, participam no Congresso, estando assegurada larga representação das Universidades, academias e institutos portugueses-metropolitanos e ultramarinos.

A Felismina Rosa, na primeira carta que enviou à família, mandou 1.000 cruzeiros para ajudar sua mãe.

O AVENTUREIRO DO «NATALIA ROSA»

Conta como realizou o sonho de chegar ao Brasil no seu pequeno barco

Rio de Janeiro — «Vim porque amo o mar, vim porque quis completar a façanha dos mais bravos portugueses do passado» — declarou em entrevista à «Voz de Portugal» o aventureiro português José Rodrigues Belchior, que, acompanhado de Felismina Rosa, com quem vai casar, e do espanhol Adrian Diaz, atravessou o Atlântico, em 107 dias, desde a costa portuguesa até ao Brasil — seguindo a rota de Pedro Álvares Cabral — no pequeno barco «Natália Rosa».

«Agradeço à fé da minha mulher, às estrelas e a uma bússola a realização deste sonho» — disse o Belchior. Dias penosos passámos — continuou — dias trágicos perdidos na incerteza, mas sempre com a esperança no coração, tendo como lema a bravura de milhares de portugueses que nos antecederam por mares nunca antes cruzados.

Acentuou o aventureiro português, ao falar dos últimos dias da odisséia dos três navegadores:

«A tragédia parecia-me certa, uma vez que já tínhamos esgotados todos os mantimentos. Mas aconteceu o milagre. Surgiu, como por encanto, dentro da escuridão da noite, um navio holandês que nos abasteceu de água e víveres, pois já diversos dias tínhamos passado sem comer. Quero agradecer ao comandante do Kalingo o milagroso socorro que nos deu vida nova e a certeza da vitória. Nada de pior nos podia acontecer, além do que já tínhamos passado. Só a morte».

José Rodrigues Belchior revelou ter sido no próprio dia em que fez 30 anos — 5 de Maio — que recebeu o presente de um inesperado temporal:

«Desde esse dia, ficámos sem nada para comer».

Mais adiante disse à «Voz de Portugal».

«Aqui ficarei, se me quiserem. O meu grande, o meu maior sonho, agora, é o de conseguir um pequeno sítio para me dedicar à criação de animais e à horticultura. Espero conseguir um recanto onde possa ver crescer o meu filho, que está para nascer, dentro de uma vida sã. Um recanto com flores e verdura, animais e terras de cultivo».

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12 —

MÓVEIS

Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO PARA A DECORAÇÃO DO LAR

GRANDE ESPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76-A LISBOA TELEF. 51695

António Maria Zorro

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

MISERICÓRDIA de Vila Real de Santo António

Esta Instituição está interessada em adquirir uma Geleira em 2.ª mão. Dirigir propostas com dimensões e respectivo preço para a mesma Misericórdia

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

CONVERSANDO

Pelo nosso Redactor-Delegado em LISBOA — EMÍLIO VALONGO



Em todos os lados e espalhados por qualquer canto topamos com filósofos que vêm este mar de lágrimas através de binóculos trágicos e empoeirados. E' vê-los e ouvi-los, rodeados por os menos privilegiados nessas coisas, abrindo os olhos amiúde e esquematizando a boca em esgares dolorosos — para afirmarem que «isto» está torto que nem um prego, e completamente errado.

Há-os, até, que depois de pregarem a moral aos sete ventos, exclamam, naquele seu ar muito natural, que se houvessem 100 homens com as suas ideias, «isto» seria modificado e não haveria nem a sombra daquele facto histórico em que o filho lutara contra a própria mãe — o caso de D. Afonso Henriques que

esqueceu o elo de sangue e que lutou contra o seu mesmo sangue. Acabar-se-ia, assim, com a luta que os homens alimentam; com o rancor, o ódio, as ambições, a guerra entre filhos e pais, etc. — e tudo seria belo porque os homens se haviam compreendido.

Partindo do principio que dizer é fácil mas fazer é mais difícil, quedamo-nos, por vezes, apáticos, ocios, tristemente abatidos quando ouvimos falar estes filósofos que espalham a sua teoria pelas mesas do «café» e, o mais triste ainda, é que são ouvidos.

E' difícil endireitar um prego torto quando ele de facto está muito torto; e isso consegue-se porfiados muitos esforços nos quais se esgota o dom da humanidade: a paciência. Mas os homens que apontam, falam e criticam o que está mal, são os que menos fazem. Simplesmente criticam e abrem a boca sensaborana: nada mais.

E podem os Senhores acreditar que presentemente há uma tendência impregnada de falso intelectualismo, não falando já da ausência total de personalidade, para auferir um mais elevado grau de consideração no núcleo dos amigos na mira inconstante de conseguir-se uma auréola sagrada que conduz, quase sempre, à tal categoria à parte com que os denominam. Quer dizer: há que «botar» figura depois de lindas meia dúzia de páginas de Filosofia, e isso nos nossos dias quase dá de comer a um homem!

Citam eles factos históricos e apontam passagens por personagens bíblicas, como se se pudessem ligar uns com outros; como se aqueles tivessem culpa da maldade dos próprios homens e das suas lendárias ambições que desde sempre foi do nosso conhecimento.

A haver culpas, sómente as há em nós — em todos nós — que afinal, queiramos ou não compreender, fomos, somos e seremos os inimigos eternos do nosso semelhante, espesinhando-o, se fôr necessário; lutando e amarfanhando-o por meros caprichos; estorvando-lhe o passo por que o não podemos acompanhar; difamando-o, porque sentimos em nós aquela inferioridade e nele sómente superioridade; espionando-o hora a hora com medo que nos roube a posição que a conseguimos sem saber como; e se possível matamo-lo porque ele nos disse a verdade. E se possível pejam a atmosfera de escárnio e rancor para que quando ele se aproximar sómente encontrem cinzas, e risadas. E que fazemos nós pelo nosso semelhante? Por acaso temos piedade pelo que caiu neste lamaçal? Sim: se possível, criticamo-lo. Tere-mos um momento lúcido para pensarmos no que nos foi de grande utilidade? No que nos deu a mão sem quaisquer condições? No que fez de nós alguém? Sim: se nos ouvirem diremos que é um pobre diabo sem eira nem beira...

Afinal, este «torto» não é histórico; foi e é edificado por nós próprios — enquanto a sociedade olhar de alto para baixo. Enquanto os homens olharem de cima para baixo com aquela frieza que os caracteriza quando atingem a posição de grandes senhores, e não acreditarem que na cave vive o seu semelhante. Nada, meus Amigos está torto — nós é que já nascemos tortos!

Assina e propaga "Noticias do Algarve"

Emílio Valongo

CHAVENAS CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

de café

QUASE AMARGO

Pelo Dr ORUZ MALPIQUE

PRÓXIMOS DISTANTES E

DISTANTES PRÓXIMOS

Há criaturas que vivem juntas, lado a lado, corpo contra corpo, e, todavia, dão a impressão cruciante de viverem separadas, tão longe umas das outras, como a Terra o está da estrela Sírius. Tocam-se reciprocamente, e, afinal, entre elas, há léguas a divorciá-las, léguas sibéricas, léguas intransponíveis.

Pela comunhão das almas — até os distantes teoricamente estão próximos. Sem essa comunhão — até a calandragem epidérmica marca uma separação abissal.

HISTÓRIA ADJECTIVADA E

HISTÓRIA DESAJECTIVADA

«Sabe-se hoje, e sabemos-lo de modo irrefutável, que Hans Axel de Fersen não foi, como durante muito se supôs, uma personagem secundária no romance psicológico de Maria Antonieta, mas, pelo contrário, a sua personagem principal.»

Isto o disse Zweig, biógrafo da mulher de Luís XVI. E acrescenta que «certos biógrafos realistas e racionários quiseram, todo o custo, fazer crer que a sua rainha estava ao abrigo de qualquer desonra.»

Os historiadores tendenciosos não se resignam aos factos como eles são — antes lhes impõem a filosofia que mais agrada ao seu foro íntimo, ao seu ideário político, à sua mística religiosa. A neutralidade não é com eles. A imparcialidade não é seu norte. Não querem ajeitar as suas ideias aos factos, mas antes os factos às suas preconceituosas ideias. E, dentro desse inadmissível critério (inadmissível por contrário à verdade), fazem, aqui, uma história republicana; além, uma história monárquica, e, noutros casos, uma história jacobina, ou mística, ou patriótica, tudo menos a história tont court, sem adjectivação de qualquer espécie.

Se a história é republicana, não há rei que não apanhe para o seu tabaco, mesmo que, para tanto se haja de recorrer à calúnia e processos circunvizinhos. Se é monárquica, nunca, por nunca, reis ou rainhas e toda a sua real família poderão ser apresentados nem com medo, nem com mancha; são sempre (o que se chama sempre) sans peur et sans reproche. Se é patriótica, a pátria tem sempre razão, ainda mesmo quando os seus altos comandos e subalternos atentam contra as regras santas da verdade e da justiça. Se é jacobina, a Igreja leva bordada pela medida grande. Se é religiosa, a salvação só pode vir da Igreja que gozar de créditos ortodoxos. Se é marxista, o factor económico toma aspectos exclusivos, preleva necessariamente aos factores espirituais. Se é... Não vale a pena continuar este rosário de ses. Pelos domingos que aí ficam, o leitor inteligente pode tirar os dias santos.

A EDIFICAÇÃO DA SEDE DA CASA DO POVO DE ALGÔS

(Conclusão da 1.ª página)

cal, para ser tratado o delicado problema da cedência do terreno necessário para a ansiada edificação da sede da Casa do Povo de Algôs.

Das diligências tomadas e das visitas efectuadas aos terrenos pretendidos que se encontram em local privilegiado, somos informados que chegaram a bom termo estando para breve a edificação do citado edifício, pelo que reina o maior régozijo em toda a população.

Igualmente mostra-se satisfeita, toda a população de Algôs e com justificada alegria pela notícia do começo das ansiadas obras para o abastecimento de água potável a esta localidade, facto que muito vem contribuir para uma melhor sanidade local.

QUANDO regresso do local do trabalho acontece-me às vezes tomar o caminho mais longo que me conduz a casa. Faço-o intencionalmente, é claro. Não é só o desejo de fugir ao movimento, aos ruídos febris da ci-

N. RODRIGUES PENA

dade, às multidões apressadas, ao espectáculo enervante das montanhas comerciais; mas esta rua envelhecida, cheia de garotos meios despidos, os ventres ao léu, esta rua com mulheres e penteados-se às soleiras das portas, com duas ou três tabernas envergonhadas, constituíu sempre para mim inexplicável sortilégio. Há casas muito velhas e desmanteladas, crivadas de buracos onde os musgos apontam, as janelas sempre cerradas, os garotos tristes e pensativos, as mulheres resmungonas, tornam esta rua a mais triste, a de aspecto mais desconsolado que conheço. Mas o sol entra ali alegre, radioso, livre, e violentas chapadas de luz, como num impeto de audácia a escarnecer de miserias e a erguer o seu império que não conhece, nem legitima as barreiras sociais.

No cotovelo da rua, precisamente, no sítio onde a ruela se torna íngreme, uma figueira de tronco torcido, ergue patéticamente os seus braços eternamente despidos, e uma extensão de campo, terra cultivada, oferece-se aos olhos dos que por ali passam. Advinharam já que é, esse campo sem casario, essa terra coberta de verde vegetação que ali me leva. E dou conta, também, que outros ali ficam, silenciosos, os olhos presos ao tronco torcido da figueira, embevecidos em idêntico extase. Os homens nascidos e criados na cidade dificilmente compreendem essa atracção que os homens do campo sentem pela terra. Conheci um desses camponeses transplantados para a cidade que, de vez em quando, sentia a necessidade de encher as mãos

O TURISMO EM MONTE GORDO

(Conclusão da 1.ª página)

estacionamento de cada veículo, estão todos os nossos assinantes de acordo de que é um absurdo, pois não só o parque não tem condições para o estacionamento de veículos sob um sol escaldante como a taxa é elevada.

Para se cobrar semelhante quantia o parque de estacionamento devia estar provido de uns toldos que cobrissem as viaturas e provido de uma torneira para enchimento de radiadores, ou para outras aplicações inerentes aos veículos que ali estacionam e que pagam para serem bem servidos.

Apreciando o estacionamento de veículos, somos igualmente a pedir a atenção da Comissão de Turismo para o facto de uma grande parte de veraneantes que de Vila Real de Santo António se deslocam a Praia de Monte Gordo usa em maior número bicicletas, veículo que foi esquecido na construção e aplicação do parque de estacionamento.

de terra, de sentir a realidade física dos torrões a esboroarem-se entre os dedos. Por isso, nada me admira que eu, homem da aldeia, sintam a fome do campo, dos espaços livres, dos horizontes amplos, dos céus altos sem as vedações que os ocultam. E que esse fenómeno se explique pelo atavismo ou por outro qualquer factor, o que é certo, é que a presença da terra, a necessidade da terra é uma confortável e dolorosa realidade.

Nunca olvidei aquele bom velho que um dia encontrei pelos corredores da serra, os olhos húmidos de lágrimas, deitando no restolho, com um sotaque vincado a línguas estrangeiras, contar-me a sua comovente história. E por ali andava em peregrinação religiosa, devassando carreiros que jamais esquecera, identificando lugares, com a mesma delicadeza e interesse que um arqueólogo mostra nas suas investigações. — Ali, naquele bardo, existia uma ceiradeira-me ele. E sorriam-lhe os olhos. Coisa estranha: lembrava-

A VISITA DO IMPERADOR HAILÉ SALASSIÉ

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Granhe. De um lado havia quinze mil mouros de pé, mil e quinhentos de cavalo e duzentos turcos arcabuzeiros: do outro trezentos e cinquenta portugueses. A peleja foi sangrenta de parte a parte: dos nossos perderam onze a vida, dos contrários foi tão grande a mortandade que o campo ficou juncado de corpos dizimados pela artilharia. Mas, por mais que os portugueses matassem,

nunca diminuía o número dos seus inimigos. Poucos dias depois D. Cristovão da Gama teve de se haver de novo com o terrível Granhe e hordas mais numerosas. E o mouro mais uma vez foi desbaratado com pesadíssimas baixas. Aos restos da nossa expedição juntaram-se quinhentos e trinta soldados indígenas. E a marcha daqueles homens mandados por Deus prosseguiu. Socorrido com setecentos a mil turcos armados de espingardas e dez peças de artilharia de campo, o Granhe, no dia 28 de Agosto de 1542, apresentou-se em frente do arraial de D. Cristovão. Era tão grande a desigualdade das forças que a derrota dos nossos desde logo se afigurou inevitável. Só restava vender a vida por bom preço.

O que foi o morticínio infligido pelos islamitas aos portugueses que defendiam a independência da Etiópia, descreve-o o «Diário de Notícias» transcrevendo passagens de livros portugueses:

«Vencido, nu, barbaramente açoitado, D. Cristovão, numa sangueira, foi conduzido à tenda do Granhe, que contemplava, enlevado e feliz, cento e setenta cabeças de portugueses. Em face daquele espectáculo pavoroso foi martirizado o ilustre capitão. De suas barbas fizeram torcidas enaceradas a que largaram fogo; as pestanas e sobranças foram-lhe arrancadas uma a uma. Mas, ao prometerem-lhe vida, honras e mercês e o prémio do regresso à pátria, se mandasse chamar, para vir ter com ele, a pobre duzia de soldados que restava da sua expedição, ainda teve brava sobrançeria de lusitanidade, para gritar ao chefe inimigo: Se tu, mouro, conheceres quem são os Portugueses não falavas coisas de vento; de mim podes fazer o quiseses, pois estou em teu poder, mas sabe certo que ainda que me dessem metade das tuas terras, nem um só português faria vir para ti. Indignado com tal resposta, o chefe mouro arrancou o seu terçado e ali cortou a cabeça de D. Cristovão da Gama.»

Visado pela Comissão de Censura

FAVAS SELECIONADAS (PARA SEMENTE)

Compramos a 4\$00 cada quilo s/ camionete em LISBOA, pagamento contra entrega da mercadoria.

V. MORENO & HELDER, L. DA

XABREGAS — LISBOA

CAIXA POSTAL 2367

motores marítimos diesel

MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:

OM 636	34 H.P. — 3.000 R.P.M.
202 B	55 H.P. — 1.200 R.P.M.
203 B	90 H.P. — 1.200 R.P.M.
204 B	120 H.P. — 1.200 R.P.M.
MB 946	225 H.P. — 1.500 R.P.M.

REPRESENTANTES C. SANTOS LDA. LISBOA — COIMBRA — PORTO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO